SESSENTA CARTAZES CINEMA PORTUGUÊS

edição especial

REVISTA DE CINEMA

O CARTAZ DE CINEMA EM PORTUGAL

É de crer que, em Portugal, a importância do cartaz para revelação dos filmes e atracção do público foi sempre apreciada, e reconhecida mesmo no que respeita a uma concepção artística. Lamentavelmente, torna-se difícil estabelecer uma exposição circunstanciada — anterior aos anos trinta, e mesmo na primeira década do sonoro — quer pela inexistência de exemplares, quer porque nunca se tentou um inventário panorâmico sobre tão precioso elemento de publicidade e respectivos autores, na área do cinema. Mesmo no âmbito da Cinemateca Portuguesa, é ainda hoje precário um tal alcance — em termos de colecção lacunar, dilemas de estrita preservação, referenciação e identificação de criadores.

Plenamente justificada, pela presente iniciativa editorial, esta breve introdução constitui, de certa forma, uma primeira abordagem em tal matéria — daí a generalização que envolve os comentários, sua deficiente informação e o critério que apesar de tudo seguimos, de privilegiar os elementos concretos já recolhidos... Assim, e regressando ao espírito das palavras iniciais, constata-se logo em «A Canção de Lisboa» (1933 — Cotinelli Telmo) — «o primeiro filme português, feito por portugueses», como se pode ler num dos cartazes alusivos — que a respectiva concepção se deve a um dos nossos maiores artistas deste século: **Almada Negreiros**. Em 1977, o Instituto Português de Cinema procedeu a uma reedição desses dois magníficos exemplares (em tamanho reduzido), sobre os protagonistas Vasco Santana e Beatriz Costa — «retratados» no contexto duma figuração cinéfila, cujo encanto e modernidade não foram, infelizmente, prosseguidos pela maior parte dos nossos cartazistas.

Na evolução do cartaz cinematográfico em Portugal, ao longo deste mais de meio século, é possível detectar três fases essenciais: anos 30-40; anos 50-74; pós 1974. Por outro lado, a identificação dos autores é — muitas vezes — dificultada pelo facto de não assinarem, ou de a essa ilustração não corresponder um estilo gráfico preciso... Sobre «A Severa» (1931 — Leitão de Barros), o que agora conhecemos é a versão do cartaz editada em 1951; **Fred Kradofler** ou **Cristino da Silva** terão inspirado o de «As Pupilas do Senhor Reitor» (1935 — Leitão de Barros). Um nome como o de **Roberto Araújo** — pintor, jornalista e decorador — fica entretanto ligado a «A Revolução de Maio» (1937 — António Lopes Ribeiro), enquanto os cartazes de «Aldeia da Roupa Branca» (1938 — Chianca de Garcia) e «Varanda dos Rouxinóis» (1939

— Leitão de Barros) são rubricados por **Hernâni & Lima**; por sua vez, em «Vendaval Maravilhoso» (1949 — Leitão de Barros) a assinatura é de **Hernâni & Rui**; e, entre os cartazes de **Manuel Lima** — pintor e professor da Escola Superior de Belas-Artes — contam-se «Cais do Sodré» (1946 — Alejandro Perla), «Não Há Rapazes Maus!» (1948 — Eduardo Garcia Maroto), «Heróis do Mar» (1949 — Fernando Garcia) ou, anos mais tarde, «O Comissário de Polícia» (1952 — Constantino Esteves), «Dois Dias no Paraíso» (1957 — Arthur Duarte) e «O Cantor e a Bailarina» (1959 — Armando de Miranda). Quanto a outros filmes de Arthur Duarte, os grafismos de «O Costa do Castelo» (1943) e «O Noivo das Caldas» (1956) colheriam sugestões em **Raul de Campos**, o de «O Grande Elias» (1950) em **Frederico George**.

Com os seus tons neutros e uma expressão figurativa, **Manuel Lima** obteve interessantes contrastes, onde prevaleciam realçados a pintura fisionómica e as cores vivas. Colaborou ainda em «Camões» (1946 — Leitão de Barros), cujos vários cartazes utilizam elementos fotográficos. Esta época é, de qualquer modo, dominada pelo contributo dos mestres plásticos — com relevo para os três cartazes de **António Soares** sobre «Feitiço do Império» (1940 — António Lopes Ribeiro), de excelente recorte e poderosa anatomia, ou para o estilo sóbrio mas incisivo de **Manuel Lapa** nos de «Amor de Perdição» (1943 — António Lopes Ribeiro) ou, quinze anos depois, da «Rapsódia Portuguesa» (1958 — João Mendes)... Futuros cineastas deixaram também o seu nome associado a cartazes de filmes doutros realizadores: para duas populares comédias — «O Pai Tirano» (1941 — António Lopes Ribeiro) e «O Pátio das Cantigas» (1941 — Francisco Ribeiro/Ribeirinho) — **Américo Leite Rosa** recorreu à ilustração e à fotografia; por sua vez, **Manuel Guimarães/Gui** incumbiu-se de distintos cartazes, como os de «Aniki-Bóbó» (1942 — Manoel de Oliveira) — um outro pertence a **Silvino** que, porventura, orientou os de «A Vizinha do Lado» (1945 — António Lopes Ribeiro) —, de «O Leão da Estrela» (1947 — Arthur Duarte) — dum outro é autor **B. Reis** —, ou de «Frei Luís de Sousa» (1950 — António Lopes Ribeiro), embora entregasse a outros artistas os cartazes dos seus próprios filmes.

A pintura e a fotografia associam-se, de novo, em obras de **António Cristino** para «Lobos da Serra» (1942) e «Fátima, Terra de Fé!» (1943) de Jorge Brum do Canto, ou «Madalena... Zero em Comportamento» (1944 — F. M. Topel). Ainda na década de quarenta, e nalguns casos de cinquenta, merecem destaque os trabalhos de dois pintores-decoradores com forte personalidade: **A. Gonçalves** por «Um Homem do Ribatejo» (1946 — Henrique Campos), «A Mantilha de Beatriz» (1946 — Eduardo García Maroto), «Bola ao Centro» (1947 — João Moreira), «Cantiga da Rua» (1949), «Quando o Mar Galgou a Terra» (1954) e «A Luz Vem do Alto» (1959), todos de Henrique Campos; e **Ayres de Figueiredo** por «José do Telhado» (1945), «Serra Brava» (1948) e «Uma Vida para Dois» (1948) de Armando de Miranda, «Sol e Toiros» (1949 — José Buchs) ou «A Garça e a Serpente» (1952 — Arthur Duarte)...

Com o final dos anos quarenta — e de modo paralelo ao que sucede quanto à qualidade intrínseca, ou à popularidade dos filmes em questão — o cartaz de cinema em Portugal entra em declínio. Podem no entanto designar-se **Fernando Lemos** que, em «Um Grito na Noite» (1948 — Carlos Porfírio), tenta uma conciliação entre a foto e o decorativismo gráfico, ou idênticas soluções de **Armando Bruno** em «Capas Negras» (1947 — Armando de Miranda), «A Morgadinha dos Canaviais» (1949 — Caetano Bonucci) e «Eram Duzentos Irmãos» (1952

— Armando Vieira Pinto) com um outro cartaz de **Athamello**, segundo motivos pictóricos... Infortunadamente, também aqui não tiveram sequência a expressão e a personalidade do arquitecto-decorador **Frederico George** em «Saltimbancos» (1951 — Manuel Guimarães).

Paulo Guilherme — pintor, arquitecto e cineasta — recriou os cartazes de «Perdeu-se um Marido» (1956 — Henrique Campos) ou «Vidas sem Rumo» (1956 — Manuel Guimarães) entre a pintura e uma estilização modernista, enquanto o cenógrafo **O Clérigo** preferiu, para «O Tarzan do 5.º Esquerdo» (1958 — Augusto Fraga), uma ampliação dos motivos caricaturais; por sua vez, o pintor **António Cruz**, em «Nazaré» (1952 — Manuel Guimarães), evidenciaria os estigmas realistas... Sem acusar uma esterilidade de motivações, o cartazismo dos anos cinquenta e sessenta passa a depender mais das características do filme que do próprio engenho ou génio do artista plástico; a fotografia torna-se um elemento primordial a partir da qual se agrava um mero arranjo gráfico, e — curiosamente — enquanto o cinema é conquistado pela cor, em Portugal, os cartazes tornam-se menos inventivos, mais uniformes e «desbotados», em virtude do recurso a novas técnicas tipográficas.

Porventura, diluiu-se também a função plástica de atracção do público, através de elementos apelativos, requerida — em dimensões mais modestas — ao próprio cartaz, que se converteria — essencialmente — em mero material complementar de apoio a uma acidentada difusão comercial... São, todavia, dignas de registo experiências como as de **Mário Costa** — pintor, decorador, vitralista — para «Duas Causas» (1952 — Henrique Campos) ou «As Pupilas do Senhor Reitor» (1969 — Perdigão Queiroga), e talvez, antes, quanto a «Fado — História duma Cantadeira» (1947 — Perdigão Queiroga); de **Jorge Rosa** — pintor e cartunista — em «A Ribeira da Saudade» (1961 — João Mendes), «A Última Pega» (1964 — Constantino Esteves); «29 Irmãos» (1965 — Augusto Fraga), «Um Campista em Apuros» (1967 — Herlander Peyroteo) ou «O Amor Desceu em Pára-Quedas» (1968 — Constantino Esteves); e de **Miguel Flávio** em «Retalhos da VIda dum Médico» (1962 — Jorge Brum do Canto), «Um Dia de Vida» (1962 — Augusto Fraga) ou «Pássaros de Asas Cortadas» (1963 — Artur Ramos), com quem tentativas de «diferença» em cinema encontram eco, numa estilização por vezes abastraccionista... Anónimo, ficou o labor para «Aqui Há Fantasmas» (1963 — Pedro Martins).

João Manuel sobre «Raça» (1961 — Augusto Fraga) e «Domingo à Tarde» (1965 — António de Macedo), **Helder** sobre «Fado Corrido» (1964 — Jorge Brum do Canto), ou **Lopes Alves** sobre «Cartas na mesa» (1973 — Rogério Ceitil), são artistas que assinam, também, cartazes — na sua maioria, até ao 25 de Abril, obra inominada de composição e letragem, a partir duma ampliação fotográfica. Assim, «O Acto da Primavera» (1962 — Manoel de Oliveira), que pertence ao pintor **Armando Alves**, ou «Mudar de Vida» (1966), executado segundo as indicações do realizador Paulo Rocha. Ernesto de Sousa teria acompanhado o do seu «Dom Roberto» (1962). Da **Silkarte**, é a serigrafia para «Perdido por Cem...» (1972 — António-Pedro Vasconcelos)...

«Cântico Final» (1975 — Manuel Guimarães) também não tem identificação mas, entretanto, surgiria um novo «élan» de criatividade no «design» e propostas distintas, com amplo e aliciante relevo para **José Brandão**, quanto a «Brandos Costumes» (1974 — Alberto Seixas Santos), «Deus, Pátria, Autoridade» (1975 — Rui Simões) ou «Kilas, o Mau da Fita» (1980 — José Fonseca e Costa). Outro contributo

exemplar, fascinante e pessoalíssimo é o de **Edgar Valdez Marcelo** para «A Fuga» (1977) e «Cerromaior» (1980) de Luís Filipe Rocha. Como casos pontuais, assinalam-se os do ilustrador-decorador **Câmara Leme** sobre «Os Demónios de Alcácer-Kibir» (1975 — José Fonseca e Costa), da gráfica **Alda Rosa** sobre «O Princípio da Sabedoria» (1975 — António de Macedo), da pintora **René Gagnon** sobre «Continuar a Viver» (1976 — António da Cunha Telles), da **Dintel** sobre «A Confederação» (1977 — Luís Galvão Teles), do pintor/actor **Carlos Ferreiro** sobre «Francisca» (1981 — Manoel de Oliveira), «Silvestre» (1981 — João César Monteiro) e «O Lugar do Morto» (1984 — António-Pedro Vasconcelos), ou de **Roumier** sobre «Rita» (1981 — José Ribeiro Mendes) com insinuante recorte visual...

Os cartazes de «Liberdade para José Diogo» (1975 — Luís Galvão Teles), «... Pela Razão que Têm...» (1976 — José Nascimento) ou «Argozelo» (1977 — Fernando Matos Silva) — marcos do cinema de intervenção — pertencem a **Carlos Alves**, a partir da matriz fotográfica, que **José Costa Reis** recriou em «Sofia e a Educação Sexual» (1973 — Eduardo Geada) e **Celeste Dias-Santos** em «Veredas» (1977 — João César Monteiro), para em «A Santa Aliança» (1977 — Eduardo Geada) dar preferência a uma ilustração sobre o Zé Povinho do notável Rafael Bordallo Pinheiro... Aliás, outros dois conceituados caricaturistas ficam associados ao cartaz de cinema: **João Abel Manta** em «Benilde ou a Virgem-Mãe» (1974 — Manoel de Oliveira) ou «As Ruínas no Interior» (1976 — José de Sá Caetano), e **Vasco** em «Bom Povo Português» (1980 — Rui Simões).

O cartaz de «O Rei das Berlengas» (1978 — Artur Semedo) é de **Zé Manel**; o francês de «A Ilha dos Amores» (1982 — Paulo Rocha) tem a chancela de MK2 Diffusion; no de «Ninguém Duas Vezes» (1984 — Jorge Silva Melo) colaboraria **Cristina Reis**. Por outro lado, **João Botelho** transfigurou as sugestões dos seus próprios filmes, «Conversa Acabada» (1981) ou «Tempos Difíceis» (1988), emprestando um fecundo talento aos cartazes sobre obras doutros cineastas — como «A Lei da Terra» (1977 — Grupo Xero), «Dina e Django» (1981 — Solveig Nordlung), «Ana» (1982 — António Reis e Margarida Cordeiro) ou «Repórter X» (1986 — José Nascimento). **Rui Oliveira** incumbir-se-ia de «Rosa de Areia» (1989 — António Reis e Margarida Cordeiro).

Na História do cartaz em Portugal, nestes últimos quinze anos, um relevo especial deve — no entanto — atribuir-se a **Judite Cília**, no âmbito do Instituto Português de Cinema. Entre as dezenas de criações desta artista gráfica, referiríamos — a título meramente pessoal — as de «Lerpar» (1975 — Luís Couto), «Sertório» (1976 — António Faria), «Ma Femme Chamada Bicho» (1976 — José Álvaro Morais), «O Outro Teatro» (1976 — António de Macedo), «Areia, Lobo e Mar» (1977 — Amílcar Lyra), «Maria.» (1979 — João Mário Grilo), «Manhã Submersa» (1980 — Lauro António), «Guerra do Mirandum» (1981 — Fernando Matos Silva), «Fim de Estação» (1982 — Jaime Silva), «A Noite e a Madrugada» (1984 — Artur Ramos) ou «O Nosso Futebol» (1985 — Ricardo Costa), além duma aliciante sugestão geral do cartaz «Veja Cinema Português» (1977). A intuição imagética, o rigor de execução, a sensibilidade plástica, uma fértil diversificação e composição, são algumas características que distinguem o determinante contributo de **Judite Cília**. Para salvaguarda da identidade e eficaz divulgação dos filmes nacionais, no país e no estrangeiro, por aqui passam — pois — as novas tendências e alcances do cartaz de cinema em Portugal...

JOSÉ DE MATOS-CRUZ

DESAFIANDO A MORTE
1922

Prospecto de reclame do escalamento do zimbório da Basílica da Estrela em Lisboa.

60 CARTAZES DE CINEMA PORTUGUES

KINETOGRAPHO PORTUGUEZ
1896

O célebre e elucidativo cartaz anunciando o «Kinetographo Portuguêz» e fazendo referência à viagem ao Brasil.

Reprodução do único cartaz que se conhece respeitante a um filme mudo português.

OS LOBOS
1923

A SEVERA
1931

A CANÇÃO DE LISBOA
1933

AS PUPILAS DO SR. REITOR
1935

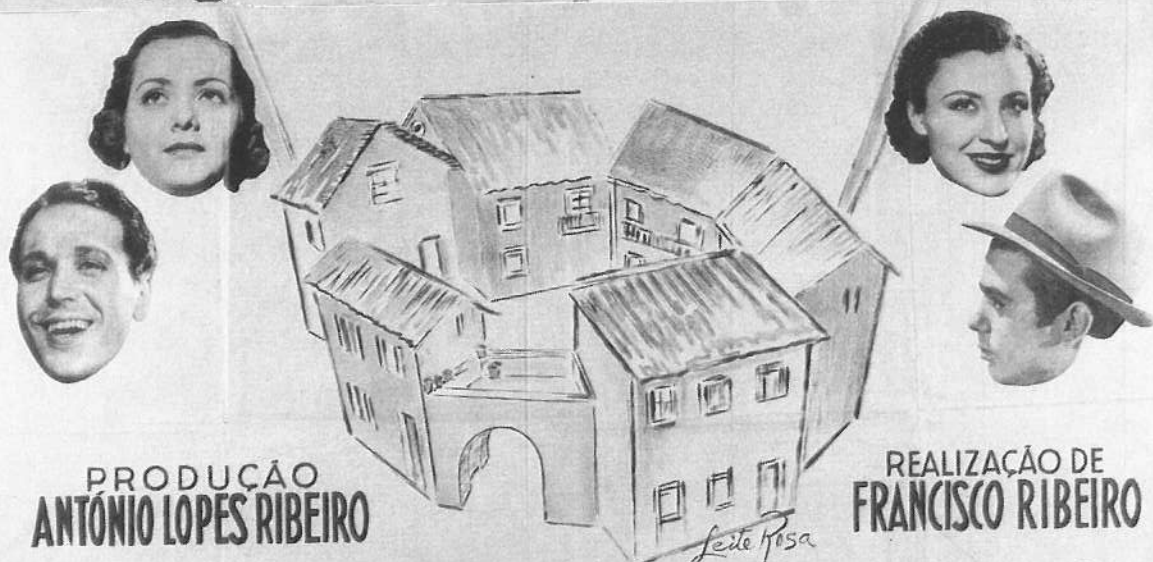
A CANÇÃO DE LISBOA
1933

A VARANDA DOS ROUXINÓIS
1939

DUÇÃO DA TOBIS PORTUGUESA★
ULO DE LEITÃO DE BARROS
ROUXINOIS
100% POPULAR
LITH. DE PORTUGAL-LISBOA

ALDEIA DA ROUPA BRANCA
1938

O PAI TIRANO
1941

O PÁTIO DAS CANTIGAS
1941

FEITIÇO DO IMPÉRIO
1940

CAMÕES
1946

António Lopes Ribeiro
apresenta
CAMÕES
Um Filme de Leitão de Barros
com António Vilar
ESTÚDIOS E REGISTO DE SOM DA LISBOA FILME - DISTRIBUIÇÃO DA SPAC
ALGUMAS CENAS FILMADAS NOS ESTÚDIOS DA COMP. PORTUGUESA DE FILMES

LOBOS DA SERRA
1942

ANIKI-BÓBÓ
1942

O COSTA DO CASTELO
1943

AMOR DE PERDIÇÃO
1943

AMÔR DE PERDIÇÃO
UM FILME DE ANTÓNIO LOPES RIBEIRO
com
ASSIS PACHECO ANTÓNIO SILVA
ANTÓNIO VILAR EUNICE COLBERT
CARMEN DOLORES BARRETO POEIRA
IGREJAS CAEIRO
ÓSCAR DE LEMOS
Segundo o Romance de
CAMILO CASTELO BRANCO
Estúdios da COMPANHIA PORTUGUESA DE FILMES · Sistema TOBIS·KLANGFILM

FILMES LUMIAR LIMITADA — APRESENTA O FILME MUNDIAL
Inês de Castro
REALIZAÇÃO E DIRECÇÃO:
LEITÃO DE BARROS
DIÁLOGOS:
AFONSO LOPES VIEIRA
COM:
ANTÓNIO VILLAR E ALICE PALÁCIOS
ALFREDO RUAS, DOLORES PRADERA, ERICO BRAGA
JOÃO VILLARET E RAÚL DE CARVALHO
MÚSICA: MUÑOZ MOLLEDA FOTOGRAFIA: GUERNER
AQUILINO MENDES E MANUEL LUIS VIEIRA

INÊS DE CASTRO
1945

AMOR DE PERDIÇÃO
1943

FÁTIMA, TERRA DE FÉ
1943

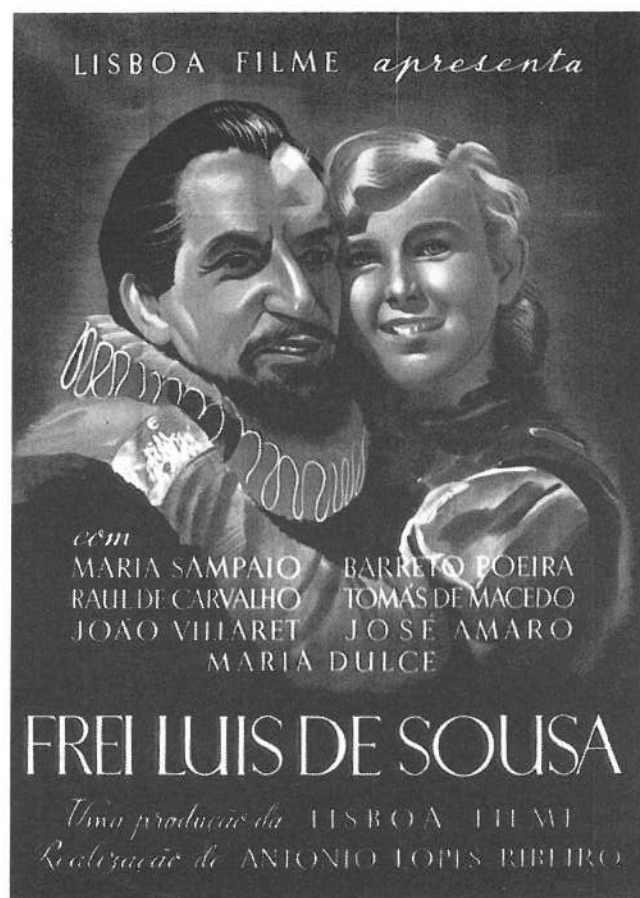
JOSÉ DO TELHADO
1945

CAPAS NEGRAS
1947

BOLA AO CENTRO
1947

FADO, HISTÓRIA DE UMA CANTADEIRA
1947

VENDAVAL MARAVILHOSO
1 9 4 9

FREI LUÍS DE SOUSA
1950

O GRANDE ELIAS
1950

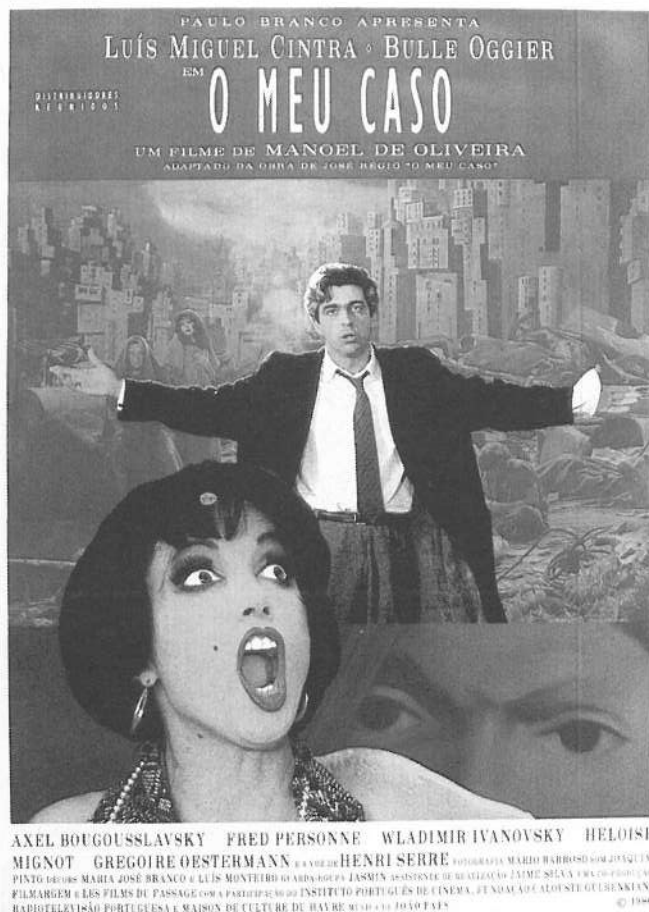
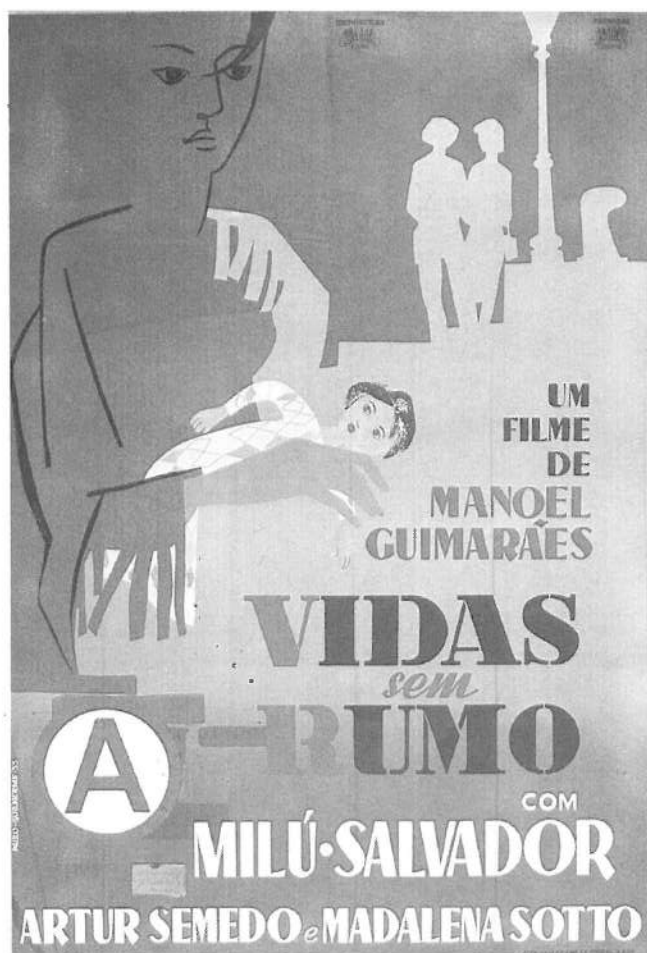
DUAS CAUSAS
1952

PERDEU-SE UM MARIDO
1956

SALTIMBANCOS
1951

O COMISSÁRIO DE POLÍCIA
1952

O NOIVO DAS CALDAS
1956

VIDAS SEM RUMO
1956

O MEU CASO
1988

DOIS DIAS NO PARAÍSO
1957

RAÇA
1961

PAULO RENATO
CARMEN MENDES
RUI DE CARVALHO
TERESA MOTA * ANTÓNIO SACRAMENTO
PRODUÇÃO DE
IMPERIAL FILMES LDA
Realização de
AUGUSTO FRAGA
ADULTOS (MAIORES DE 17 ANOS)
RAÇA
BASEADO NA PEÇA "RAÇA" DE RUY CORREIA LEITE

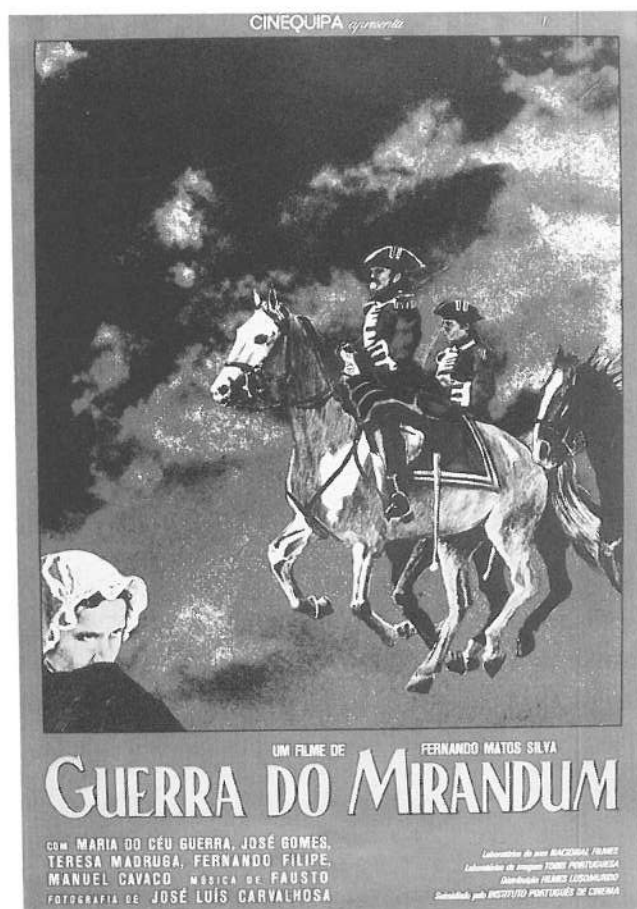
Dom ROBERTO
1962

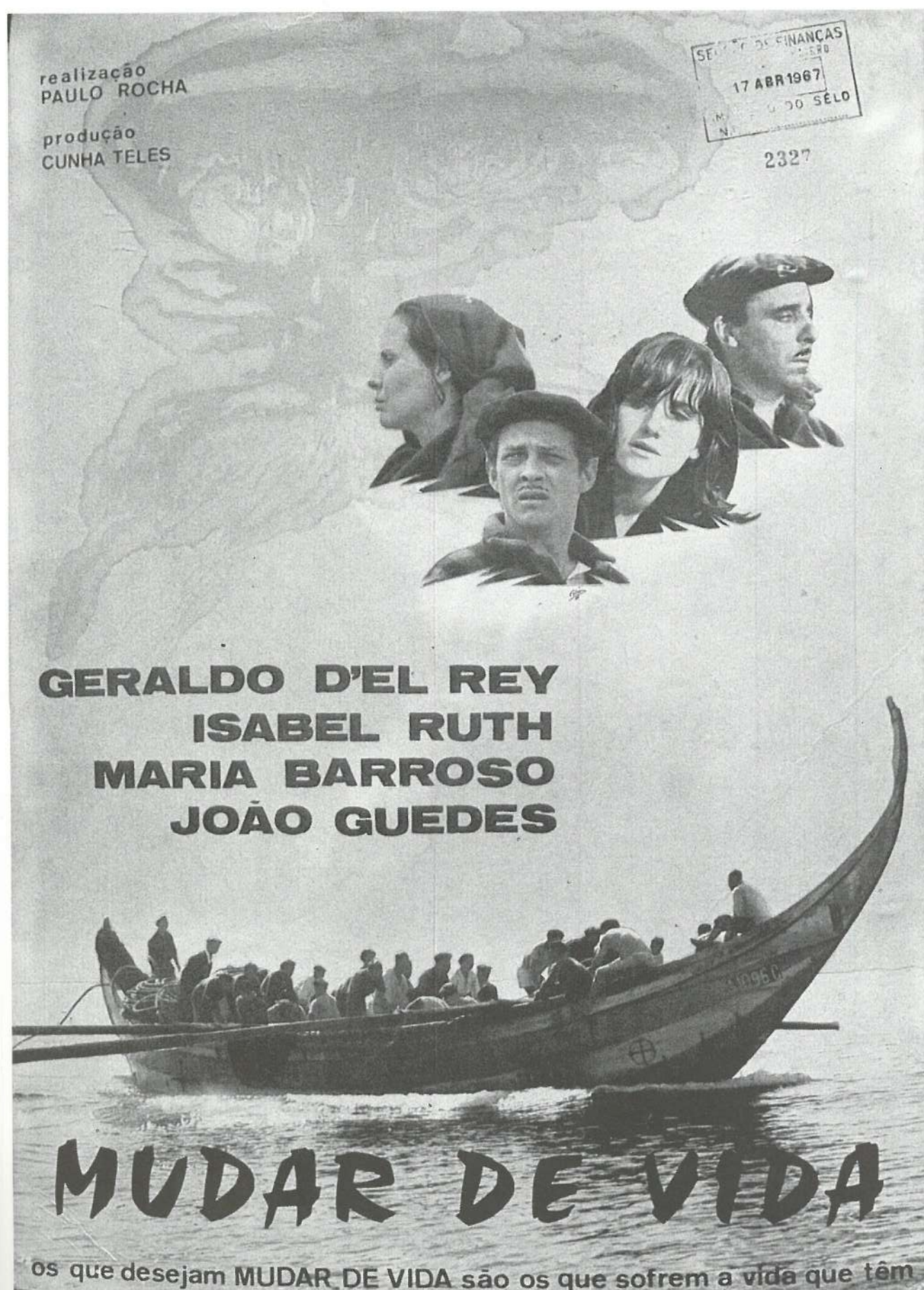
ACTO DA PRIMAVERA
1962

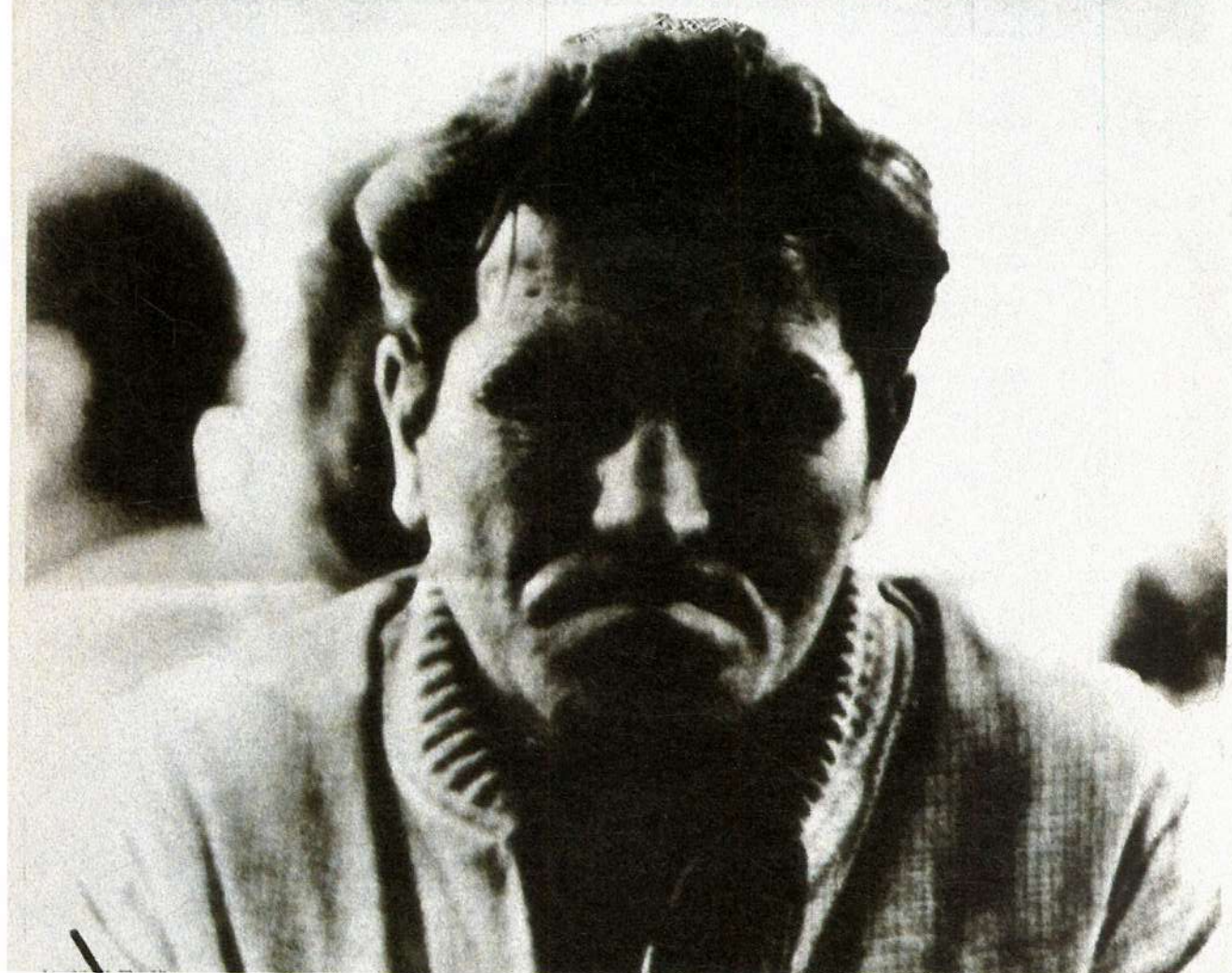
RETALHOS DA VIDA DE UM MÉDICO
1962

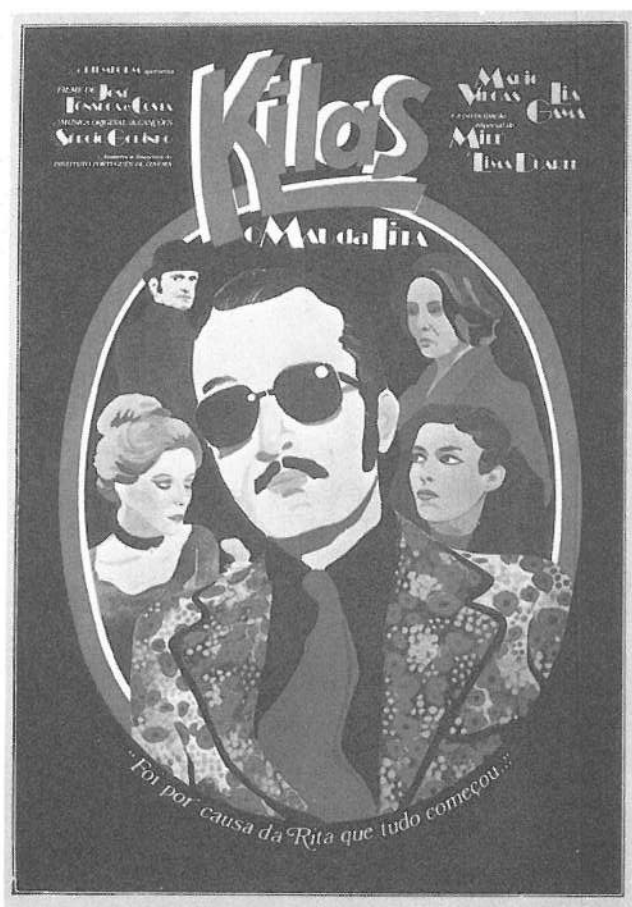
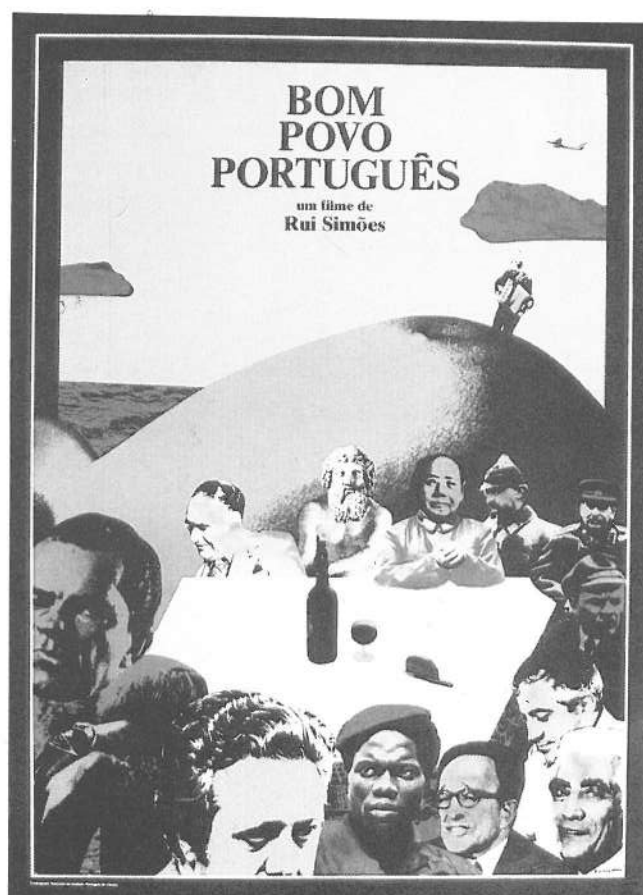
OS VERDES ANOS
1963

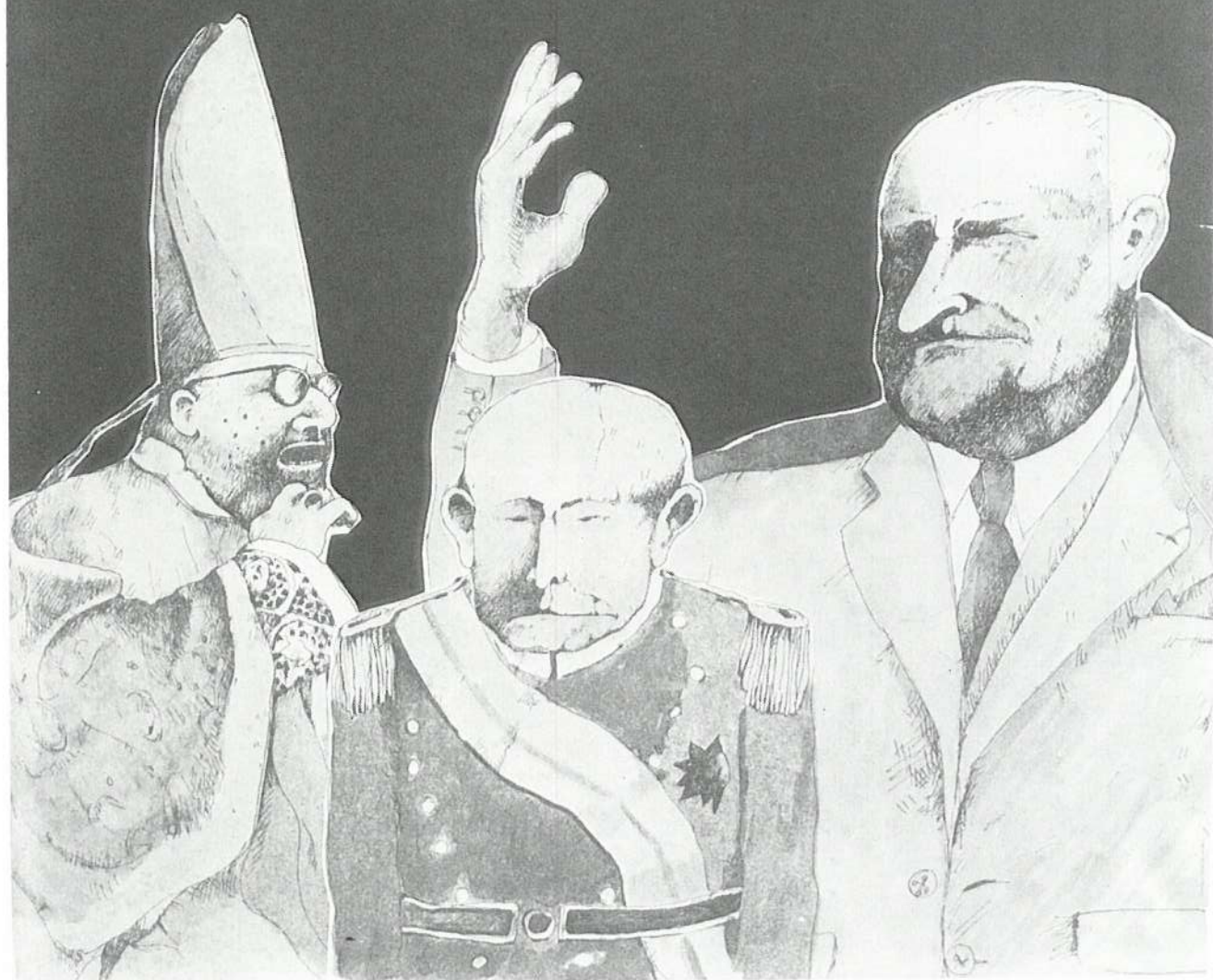
DOMINGO À TARDE
1965

FADO CORRIDO
1964

GUERRA DO MIRANDUM
1981

AQUI HÁ FANTASMAS
1964

MUDAR DE VIDA
1966

BELARMINO
1964

PERDIDO POR CEM
1972

A CONFEDERAÇÃO
1977

KILAS, O MAU DA FITA
1980

BOM POVO PORTUGUÊS
1980

DEUS, PÁTRIA, AUTORIDADE
1975

AS RUÍNAS DO INTERIOR
1976

NINGUÉM DUAS VEZES
1984

CERROMAIOR
1980

FRANCISCA
1981

CHICO FININHO
1982

GESTOS & FRAGMENTOS
1982

UMA PEDRA NO BOLSO
1988

REPORTER X
1986

TEMPOS DIFÍCEIS
1988

LUSOMUNDO

ADAPTADO DO ROMANCE DE CHARLES DICKENS

HARD TIMES

PRODUÇÃO E REALIZAÇÃO DE JOÃO BOTELHO

TEMPOS DIFÍCEIS

HENRIQUE VIANA EUNICE MUÑOZ JÚLIA BRITTON RUY FURTADO
ISABEL DE CASTRO JOAQUIM MENDES ISABEL RUTH LIA GAMA
INÊS MEDEIROS LUÍS ESTRELA PEDRO CABRITA REIS LUÍS LUCAS

FOTOGRAFIA ELSO ROQUE SOM JOAQUIM PINTO E VASCO PIMENTEL MÚSICA ANTÓNIO PINHO VARGAS
CENOGRAFIA LUÍS MONTEIRO PRODUÇÃO EXECUTIVA MANUEL GUANILHO PRODUCTOR ASSOCIADO ARTIFICIAL EYE FILM PRODUCTIONS LABORATÓRIOS DE IMAGEM E SOM TOBIS PORTUGUESA MISTURAS SCHWARTZ FILM LABORATORIES
FILME SUBSIDIADO POR INSTITUTO PORTUGUÊS DE CINEMA, RADIOTELEVISÃO PORTUGUESA - RTP E FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
PATROCÍNIOS COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO, TOYOTA - SALVADOR CAETANO, COPIGAL - MINOLTA, BRÁS & BRÁS, ELECTRICIDADE DE PORTUGAL - EDP

REVISTA DE CINEMA — EDIÇÃO ESPECIAL — PREÇO 350$00

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Urbanização Pimenta e Rendeiro Lote 60-9.º C — 2795 QUELUZ

DIRECTOR
Jorge António P. Correia

FOTOGRAFIA
Luís Correia

COLABORARAM
José de Matos-Cruz
Arnaldo Barão
Ilda Cartaxo

GRAFISMO
Jorge Silva

EDIÇÃO e PROPRIEDADE
Estrófico, Publicações, Lda.
Rua Cidade de Carmona Lote 240 1.º D — 1800 LISBOA

FOTOCOMPOSIÇÃO, MONTAGEM, FOTOLITOS, IMPRESSÃO e ACABAMENTOS

Gráfica Central Mealhadense, Lda.
Telef. 22290 — Telex. 53712 Gracem P.
Apartado 22 — 3050 Mealhada.

DISTRIBUIÇÃO
Sodilivros, Sociedade Distribuidora de Livros e Publicações, Lda.
Trav. Estevão Pinto, 6-A — 1000 LISBOA

TIRAGEM

3000 exemplares — ABRIL 1989

DEPÓSITO LEGAL N.º 27709/89